

A parodização presente em *Macunaíma* e a ressonância da voz de Pero Vaz de Caminha no texto de Mário de Andrade

The parody presents in “Macunaíma” and the resonance of Pero Vaz de Caminha's voice in the novel by Mário de Andrade

Victoria Regina Italiano Alves

Universidade de Brasília – UnB

E-mail: victoria.italiano@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem a intenção de aproximar a carta do descobrimento do Brasil, escrita pelo explorador e fidalgo português Pero Vaz de Caminha, e o romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Para tanto, serão apresentadas relações entre os textos sob a óptica da parodização e também da ideia de incompletude do romance enquanto gênero literário, apontadas por Mikhail Bakhtin. Do ponto de vista do conteúdo, dos remetentes e dos destinatários, há algumas aproximações entre o capítulo nove de *Macunaíma* (Carta pras Icamiabas) e a carta que Pero Vaz de Caminha escreveu ao Rei de Portugal, Dom Manuel. Tais aproximações se dão, é claro, sob uma perspectiva de inversões e paródia.

Palavras-chave: Parodização. Romance. Ressonância.

Abstract: This work intends to approximate the letter of the discovery of Brazil, written by the Portuguese explorer and nobleman Pero Vaz de Caminha, and the novel *Macunaíma*, by Mário de Andrade. Therefore, relations between the texts will be presented under the optics of the parody and also the idea of incompleteness of the novel as a literary genre, pointed out by Mikhail Bakhtin. From the point of view of the content, the senders and the addressees, there are some approximations between chapter nine of *Macunaíma* (Carta pras Icamiabas) and the letter Pero Vaz de Caminha wrote to The King of Portugal, Dom Manuel. Such approximations occur, of course, under a perspective of inversions and parody.

Keywords: Parody. Novel. Resonance.

Em *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*, Bakhtin (1988, p. 372) afirma que “uma das mais antigas e mais difundidas formas de representação do discurso direto de outrem é a paródia.” Ainda na mesma obra, o autor apresenta alguns conceitos fundamentais para a compreensão da importância da paródia na formação da prosa do romance, tais como o fato de a paródia quebrar a rigidez do domínio da linguagem sobre o objeto, ou seja, o riso que provém da parodização permite que se crie uma distância entre língua e realidade, e *Macunaíma* tem um forte caráter de parodização.

Mário de Andrade foi das figuras centrais no contexto do modernismo brasileiro e estava envolvido diretamente na execução da Semana de Arte Moderna de 1922, fato que o destaca como um autor comprometido com uma estética renovadora na arte. Tal compromisso se manifesta de forma muito intensa em *Macunaíma*, por exemplo, no fato de o livro não seguir com rigor uma ordem cronológica e espacial – o

personagem Macunaíma pode estar em Manaus e aparecer na Argentina de forma quase instantânea – e também na tentativa de aproximação para com a linguagem oral que ocorre ao longo de, praticamente, todo o livro. De fato, no capítulo “Carta pras Icamiabas”, Macunaíma exalta a “riqueza de expressão intelectual” dos paulistas – a partir de uma paródia da carta do descobrimento de Pero Vaz de Caminha – pelo fato de aquela gente “falar numa língua e escrever noutra” (1943, p. 66), uma clara referência à grande diferença existente entre língua falada e língua escrita, o que presta dois serviços ao conjunto da obra: tanto reforça a busca por uma maior aproximação com a linguagem oral, quanto presta força à confirmação da parodização como um aspecto inerente à formação do romance enquanto gênero.

Macunaíma é um grande expoente da característica paródica da prosa romanesca. Ao longo de toda a obra, existe um tom de ironia e comicidade, pois o que Mário de Andrade acabou por fazer foi parodiar a história, os costumes e o jeito de ser do povo do Brasil. O capítulo “Carta pras Icamiabas” é um perfeito exemplo disso, pois retrata nada mais nada menos que uma paródia da carta do descobrimento de Pero Vaz de Caminha, ou seja, é, em certa medida, uma ressonância da voz do fidalgo português, porém de forma cômica e totalmente apropriada pelo romance. Em suma, “Carta pras Icamiabas” sintetiza muito bem o processo de um gênero sendo apropriado por outro (a carta sendo incorporada pelo romance) e, também, a ressonância da voz de outrem com uma clara perspectiva paródica, nas palavras de Bakhtin (1988, p. 399): “o romance parodia os outros gêneros (justamente como gêneros), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua constituição particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom.”

Em um panorama global, *Macunaíma*, ao longo de praticamente toda sua extensão, é uma obra carregada de um tom de ironia cômica, mas, em “Carta pras Icamiabas”, a presença desse tom é ainda mais forte, pois, embora o livro inteiro apresente uma tentativa de aproximar a linguagem escrita da fala cotidiana, o capítulo em questão faz justamente o oposto: o personagem Macunaíma escreve com uma formalidade exacerbada, numa linguagem que parece até mesmo ultrapassada e arcaica, sempre demonstrando muito respeito e deferência pelas Icamiabas, suas “súditas”, numa possível tentativa de imitar a linguagem de Pero Vaz de Caminha e a reverência com que ele se dirigia ao seu destinatário, o Rei Dom Manuel. Outra questão que aproxima o texto de Mário do texto de Caminha é o tema, ambas as “cartas” são o relato de um “explorador” sobre um mundo novo que foi descoberto e, também, sobre a aparência e os hábitos das pessoas que ali vivem, como pode ser percebido na comparação dos trechos a seguir:

A feição deles é serem pardos, maneira de **avermelhados**, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. **Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas**; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto [...] Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus **ossos brancos e verdadeiros** [...]. (Caminha; Pero Vaz, 1500)

“Andam elas vestidas de **rutilantes joias** e panos finíssimos, que lhes acentuam o donaire do porte, e **mal encobrem as graças**, que, a de nenhuma outra cedem pelo formoso do torneado e pelo tom. São sempre **alvíssimas** as donas de cá; e tais e tantas habilidades demonstram no brincar, que enumerá-las, aqui, seria fastiando porventura; e, certamente, quebraria os mandamentos de discrição, que em relação de Imperator para súbditas se requer”. (Mário de Andrade. *Macunaíma*. Belo Horizonte, 1984, p. 61)

Como se pode notar, em ambos os textos, o autor faz referência à cor da pele dos povos do novo mundo – pardos avermelhados são os índios de Caminha e alvíssimas são as donas de *Macunaíma* – além das referências aos adereços – ossos brancos e rutilantes joias – e da referência a partes mais íntimas do corpo, cuja menção é efetuada por meio de um eufemismo por ambos os autores (*vergonhas* para Caminha e *graças* para Mário, na figura de *Macunaíma*). É interessante analisar que a parodização encontra-se também no avesso dos remetentes e destinatários de ambas as cartas: a carta de Caminha fala sobre os índios e é endereçada ao rei de Portugal; a “carta pras Icamiabas” é escrita por um chefe indígena – o próprio *Macunaíma* – fala sobre os brancos e é destinada às Icamiabas, que são índias.

A obra *Macunaíma* não segue exatamente uma ordem cronológica e espacial, e partindo da observação desse fato, é possível destacar a incompletude do romance enquanto gênero e a sua conseqüente absurda gama de possibilidades plásticas, como uma característica interessante que pode ser reafirmada de algum modo a partir da obra de Mário de Andrade. O romance ainda não está acabado e isso significa que suas possibilidades plásticas são praticamente infinitas, nas palavras de Bakhtin (1988, p. 397): “a ossatura do romance enquanto gênero ainda está longe de ser consolidada, e não podemos ainda prever todas as suas possibilidades plásticas.” Com isso em mente, é absolutamente inegável o quão grandiosa é a experimentação estética e criativa que Mário de Andrade empregou em *Macunaíma*, que é um texto riquíssimo em recursos e formas de expressão: repleto de ironias, paródias, figuras de linguagem e figuras visuais que ajudam a estabelecer um certo tom sério-cômico em um texto que, em vários níveis, é uma tentativa de retrato paródico do Brasil e de seu povo.

Macunaíma se aproxima e se afasta do gênero épico em alguns pontos. O livro de Mário de Andrade é uma rapsódia, ou seja, concentra as tradições oral e folclórica de um povo (nesse caso o brasileiro), assim como *Ilíada* faz com o povo grego, entretanto, o texto se afasta do épico pela forma como a figura do herói é apresentada e pela presença constante do baixo material e do corporal. Na tradição épica, o herói é irrepreensível, tem valores morais universais, é alguém extraordinário, de fato, ainda há quem se pergunte se o verdadeiro herói da *Ilíada* é de fato Aquiles ou seu rival Heitor, dada a uniformidade de valores e da moral que ambos os personagens têm em comum.

De maneira geral, não há maniqueísmo em *Ilíada*, herói e rival têm valores comuns, sofrem em intensidade semelhante, sentem culpa e necessidade de defender sua honra, em suma, Aquiles e Heitor são rivais, mas ambos são valorosos e compartilham preceitos morais universais do mundo clássico. Já *Macunaíma* é preguiçoso e mente por diversas vezes, além das frequentes referências do texto a

“brincar” (sexo), o que seria um tema impróprio para um gênero elevado como a epopeia.

Macunaíma é uma grande obra e um grande representante do romance enquanto gênero: cômico, repleto de paródias e inovações plásticas. Esse romance de caráter brilhante demonstra com maestria a incompletude do romance enquanto gênero e reforça a importância da parodização para o desenvolvimento da prosa romanesca.

Referências

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. 20. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 2. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Livraria Editora Livros de Portugal, 1943.

HOMERO. *Ilíada*. 4. ed. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.